

# História e Computação: o papel das Associações Nacionais de História e Computação na discussão das novas tecnologias digitais no fazer historiográfico

LEANDRO COELHO DE AGUIAR\*

## Introdução

*Ele [o computador] permite organizar todas as fontes documentais da pesquisa, além de estabelecer um Thesaurus com o sentido dos termos de época, e analisar com estatísticas o emprego destas expressões. Processa ainda digitalização através do scanner, possibilitando a restauração de sua imagem, além da limpeza, reconstituição e ampliação do registro manuscrito. A partir daí é capaz de reconhecer por meio de recursos sofisticadíssimos as letras e palavras manuscritas auxiliando na transcrição. Alguns exemplos podem revelar a riqueza (e utilidade) dessa tecnologia, como a possibilidade de comparação entre transcrição moderna e a imagem original ou, para mapas panorâmicos de cidades antigas, a individualização da imagem de cada prédio com a recuperação de textos informativos com um resumo sobre sua história. (THALLER, 1994 apud FIGUEIREDO, 1997, p. 416)*

Em 1994, no 4º Encontro Internacional de História e Computação organizado pela Associação Brasileira de História e Computação, o historiador inglês, Manfred Thaller pronunciou a conferência “Tendências futuras dos softwares aplicadas à pesquisa e ao ensino da história”, onde, como o próprio título diz, elucidou acerca das possibilidades do uso das novas tecnologias, especialmente o computador, no fazer historiográfico.

Duas observações podem ser feitas oriundas de reflexões da fala de Thaller. A primeira é que algumas de suas “estimativas” se confirmaram e podem ser hoje observadas em pleno uso pelos historiadores, todavia outras tendências, ainda não são amplamente, ou sequer são utilizadas pelos historiadores, se é que algum dia será utilizado. A segunda observação é acerca de uma visão ufanista destas novas tecnologias, deixando entender que problemas cotidianos da prática do historiador seriam superados graças ao uso destas novas tecnologias, por exemplo, o uso de fontes que sofreram processos parciais de decomposição, tanto pela ação do tempo, quanto pelo descaso social das autoridades.

---

\* Mestrando em Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Quatro anos antes, no 4º Encontro Regional da Associação Nacional de História, realizada no Rio de Janeiro, o historiador Guilherme Pereira das Neves (1990) pronunciou aquele que é visto como um dos primeiros trabalhos no Brasil sobre o uso de computadores no fazer historiográfico, “O sonho de Comenius: o uso de microcomputadores em uma pesquisa de História Social”. Ao descrever e refletir acerca das suas experiências na aplicação de recursos tecnológicos da informática na pesquisa de sua tese de doutorado, o professor Guilherme chamou atenção acerca do uso de banco de dados na pesquisa histórica:

*O uso do micro, como banco de dados, desperta a imaginação do historiador para a possibilidade de vir a livrar-se seu trabalho do acompanhamento inevitável e fastidioso de uma enorme quantidade de fichas de cartolina [...] seria o caso então, de afirmar que o sonho de Comenius transformou-se em realidade? (NEVES, 1990, p. 210-213)*

Guilherme das Neves faz referência ao sonho de Jan Amos Komenský – ou Comenius como ficou conhecido no Brasil – de buscar um método capaz de superar certas dificuldades e lidar com o extraordinário acúmulo de dados propiciado pelo movimento humanista. Neste caso “reunindo todas as informações contidas em textos, classificando-os e ordenando-os, de maneira a dar consistências e tornar acessível aquela sabedoria à qual os verdadeiros ‘savants’ deveriam almejar” (NEVES, 1990, p. 208).

Os trabalhos acima citados referem-se a um assunto em comum, o uso do computador como mecanismos de auxílio tecnológico na produção de conhecimento. Ou seja, a instrumentalização da máquina para a pesquisa, como na organização e padronização de dados e, em uma visão metodológica, “com o uso de programas específicos permitindo visualizar graficamente determinadas situações, como por exemplo, acelerar cálculos de indicadores e projetar realidades sociais, multiplicando o alcance quantitativo da pesquisa”. (FIGUEIREDO, 1997, p. 420-421)

Observa-se no início da década de 1990, tanto no Brasil quanto fora do país, às inquietudes dos historiadores no uso das novas tecnologias da computação no fazer historiográfico, podendo ser até vista com uma “euforia”. O conceito, cunhado por Mattelard (2002), de “tecno-utopia”, e que se aproxima os momentos vividos por alguns, fundada em um determinismo tecnológico, acerca do advento e o uso da

computação como uma solução para aos dilemas e dificuldades práticas do ofício do historiador.

O uso e a influência destas tecnologias digitais no fazer historiográfico devem ser analisados, não apenas como mecanismos de organização da escrita e de dados, a exemplo de editores de textos, banco de dados ou editores gráficos e de tabelas. Devem ser observadas suas múltiplas possibilidades, como no auxílio à comunicação e divulgação do conhecimento produzido, e na própria noção de fazer historiográfico *stricto sensu*. Como, por exemplo, no resgate e na preservação do patrimônio histórico. Por outro lado, deve ser sempre visto como mais uma ferramenta, na qual refletir acerca dos seus usos é exercício necessário e constante.

No artigo “History in the digital domain” (2003), Mark Pôster analisa justamente a influência da conversão digital junto ao fazer histórico, começa questionando qual o real efeito da digitalidade no fazer historiográfico. “Se a conversão digital é apenas um meio eficiente de armazenamento, reprodução e transmissão de documentos? Ou acarreta alguma alteração na constituição da verdade história?” Ele chama atenção no fato de que a questão principal, não é o deslocamento de uma verdade analógica por uma verdade digital, mas sim o estabelecimento de um campo em que ambos estão em jogo (POSTER, 2003, p. 17).

Assim sendo, torna-se importante analisar como se deu, e como está sendo esta discussão hoje. Tirando os discursos “utópicos” de um lado, e os “pessimistas” de outro, o que restou? Ficou nítido o crescimento de espaços de discussões a partir dos anos de 1980 acerca dos usos e desusos das novas tecnologias no fazer historiográfico, mas e hoje? Em pleno século XXI, onde para alguns estamos na Era da Informação e\ou do Conhecimento, promovido principalmente pelos avanços tecnológicos da “conversão digital”. Como anda esta discussão entre os historiadores do Brasil e do mundo?

### **A problemática**

O uso das novas tecnologias hoje pelos historiadores, principalmente o computador e a internet, assim como é observado em boa parte da sociedade contemporânea, se faz presente quase que universalmente. É difícil identificar dentre os historiadores alguém que não faça uso contínuo do computador ou da internet hoje em dia, seja da forma mais simples, como, o uso dos editores de textos na tarefa de

preparação de trabalhos - tarefa assídua em qualquer atividade científica -; passando pelas construções de planilhas de cálculos e os bancos de dados aos cientistas que se debruçavam sob milhares de dados demográficos na história quantitativa e chegando até ao uso das atuais ferramentas de transmissão e comunicação, como por exemplo, no caso do IV Congresso Internacional de História a Debate realizado no ano de 2010 em Santiago de Compostela (Espanha), que se utilizou de mecanismos tecnológicos de vídeo e de rede para transmitir *on-line* e ao vivo todo o evento (<http://www.h-debate.com/>).

De acordo com o Figueiredo (1997), a experiência do uso do computador aplicada à história vem se multiplicando no Brasil e no mundo. Desde os primeiros modelos demográficos e econômicos da década de 1960, passando pelo barateamento dos microcomputadores, pelo desenvolvimento de interfaces gráficas, pelo tratamento integrado de vários objetos (texto, gráficos, tabelas, imagens e sons) o que está possibilitando a geração de uma nova relação com este tipo de tecnologia.

Todavia, mesmo com a real e notória aproximação das novas tecnologias com o historiador e o fazer historiográfico, ainda são poucos os trabalhos que discutem acerca desta temática, tanto no Brasil quanto internacionalmente. No caso do Brasil, a própria realização de levantamento bibliográfico acerca da temática demonstra-se uma tarefa complicada, assim como encontrar qualquer trabalho e/ou informação acerca de uma série de Congressos que foram realizados no Brasil na década de 1990.

Nos trabalhos publicados no Brasil, sejam em livros, revistas e ou anais de congressos e que estão disponíveis para busca e leitura, é visível o debate prático tecnológico do tema. Em sua maioria trata-se de estudos de casos de pesquisas que utilizaram algumas formas de tecnologia no auxílio a pesquisa, ou de reflexão e conjecturas futuras, algumas das vezes românticas, no que concernem as possibilidades práticas de uso das tecnologias, como observado nos trechos citados na introdução.

Esta apresentação é parte do trabalho dissertativo de mestrado em Ciência da Informação que pretende observar: a) numa perspectiva prática-tecnológica, quais os usos práticos das novas tecnologias pelo historiador tanto na produção de conhecimento, na divulgação e comunicação dos saberes adquiridos e como campo de investigação propriamente dito; b) numa perspectiva sociopolítica, identificar os espaços de confronto e de poder dentro da historiografia e observar o debate acerca da história e

das tendências do fazer historiográfico contemporâneo, focando no uso das novas tecnologias, como por exemplo, em congressos e associações da área; e c) numa perspectiva sócio-antropológica, refletir acerca das apropriações simbólicas das novas tecnologias no cotidiano do historiador. Observando a existência de visões, tanto românticas quanto pessimistas, acerca do uso das novas tecnologias nas diversas áreas de atuação do historiador.

A hipótese que norteia esta pesquisa é a de que as novas tecnologias, mesmo com o uso crescente e notório, ainda são subutilizadas pelo historiador. Tendo como causa a ausência de debates de forma ampla e contínua entre os diversos segmentos da sociedade historiográfica.

### **Espaços de debate: as Associações Nacionais de História e Computação.**

De acordo com o professor Jose Cláudio A. de Oliveira, em seu artigo “Ciberhistória” (2005) o interesse por parte dos historiadores a se adaptarem às mudanças tecnológicas manifestou-se através de quatro atividades vistas a partir da década de 1980, numa clara influência dos movimentos internacionais:

- I. A criação de associações nacionais e internacionais dedicadas a agrupar historiadores que utilizam a computação ao estudo do passado;
- II. A realização de congressos nacionais e internacionais para a troca de experiências entre historiadores;
- III. A criação de seminários e cursos de mestrado dedicados especificamente a treinar profissionais em História e Computação; e
- IV. A existência de publicações especializada na temática em questão.

O foco desta apresentação recai sob as duas primeiras atividades descritas acima, a criação de Associações e a realização de congressos. Na realidade, busca-se apresentar historicamente a criação e as realizações de duas Associações: a *Association for History and Computing* (Inglaterra) e a Associação Brasileira de História e Computação. No final pretende-se retornar algumas observações discutidas e outras entendidas como pertinentes a tema em questão.

### A Association for History and Computing (AHC)

Em 1986, na Universidade de Londres foi dado o início a criação da *Association for History and Computing* (AHC), uma Associação de âmbito nacional que pretendeu promover e desenvolver o interesse acerca da utilização de computadores tanto no ensino quanto na pesquisa histórica. De acordo com Oliveira (2005), devido a sua importância e influência, a Associação passou a ter um caráter internacional, agrupando várias outras organizações nacionais. De acordo com as informações contidas no site da AHC, em 2004, existiam 18 organizações nacionais e regionais filiadas, como por exemplo, a *Association française pour l'Histoire et l'Informatique*, a *Associação Portuguesa de História e Informática*, a *Hungarian History and Computing Association*, e a *American Association for History and Computing*.

A AHC organizava as Conferências Internacionais de História e Computação em conjunto das outras Associações Nacionais de H&C. Até 1999 estes eventos foram organizados em diferentes regiões da Europa e no Canadá, e eram denominados de Conferência Internacional da AHC, porém a partir de 2002 as conferências passam a acontecer exclusivamente na Inglaterra. Esta mudança chamou atenção a um fato interessante na história desta Associação.

Foram localizados dois sites de Associações Nacionais criadas na Inglaterra e que possuíam o mesmo nome: *Association for History and Computing*, sendo que no primeiro site, a última atualização foi em 2004 (<http://odur.let.rug.nl/ahc/confer/index.html>) e já segundo site tem sua atualização mais recente, datada de março de 2010, com a seguinte informação acerca de seu nome institucional, *Association for History and Computing UK* ([www.ahc.ac.uk/](http://www.ahc.ac.uk/)), ou seja, do Reino Unido (UK). Se por um lado havia informações que induzem a idéia de serem uma mesma Associação, como por exemplo, além do próprio nome e o fato dos dois sites indicarem suas respectivas associações como organizadores das Conferência Internacionais de H & C realizadas entre 1986 e 1998, por outro lado existem dados que são conflitantes, pois ambas as Associações indicam Conferências nos anos de 1999 e 2001 e em locais e temáticas diferentes.

Uma hipótese aceitável para esta questão é que tenha ocorrido entre os anos de 1999 e de 2001 uma divisão dentro da *Association for History and Computing* (AHC),

sendo então criada uma outra Associação, a *Association for History and Computing UK* (AHC-UK). Por algum motivo desconhecido até este momento, a primeira associação acabou com suas atividades por volta de 2004 (hipótese levantada em função da última data de atualização do site), com sua última Conferência Internacional realizada em 2001 (não houve conferência em 2000). Por outro lado, a Associação surgida da divisão deu continuidade às conferências, porém em caráter nacional, deixando a titulação de “Internacional”, assim como em seu site, que não aparece mais informações sobre outras Associações Nacionais filiadas (como descrevia no site da AHC), onde no máximo se faz referência a existência de outras Associações, não as especificando:

“A AHC-UK é uma Associação, igualmente a uma série de outras Associações Nacionais [que discutem acerca da temática História e Computação] na Europa e América do Norte, que fornece aos seus membros um fórum para a divulgação e troca de idéias em um campo em rápida mutação” (tradução livre. [www.ahc.ac.uk](http://www.ahc.ac.uk)).

Listagem 1 - Relação das Conferências da *Association of History and Computing* (AHC) e da *Association of History and Computing UK* (AHC-UK)

Ano	Organizadora \ Local	Tema (tradução livre)
2008	AHC UK \ Londres	Os métodos históricos para o século XXI
2007	AHC UK \ Londres	Ignorância distribuída e a Máquina <i>Unthinking</i> : Os Desafios do ensino de História e Computação
2006	AHC UK \ Londres	Digital Dilúvio: História do Século XXI
2005	AHC UK \ Londres	Método ou loucura? História e suas abordagens díspares
2004	AHC UK \ Londres	Reformulação do passado: Histórias Digitais
2003	AHC UK \ Londres	Ensino e Pesquisa de recursos on-line
2002	AHC UK \ Londres	-
2001	AHC UK \ Londres	Recursos Digitais em Ciências Humanas
	AHC \ Poznan (Polônia)	Novas metodologias para o novo milênio
2000	AHC UK \ Londres	Novos rumos para a Computação na História
1999	AHC UK \ Londres	Gravação do Passado
	AHC \ Groningen (Países Baixos)	Tecnologia de Informação e Comunicação na História – <b>Cancelada</b>
1998	AHC \ Toledo (Espanha)	A história em uma nova fronteira
1997	AHC \ Glasgow (Escócia)	-
1996	AHC \ Moscou (Rússia)	Modelando dados, modelando a História.
1995	AHC \ Montreal (Canadá)	Visões de História
1994	AHC \ Nijmegen (Países Baixos)	Estruturas e contingências em investigações históricas computadorizadas
	AHC \ Graz (Áustria)	-
1992	AHC \ Bologna (Itália)	História e multimídia
1991	AHC \ Odense (Dinamarca)	-
1990	AHC \ Montpellier (França)	História e informática
1989	AHC \ Bordeaux (França)	O computador e a História
1988	AHC \ Cologne (Alemanha)	Usos do computador na área de Humanidades e Ciências Sociais
1987	AHC \ London (Inglaterra)	História e Informática II
1986	AHC \ London (Inglaterra)	História e Informática

Fonte: referente a AHC <<http://odur.let.rug.nl/ahc/confer/index.html>> e a AHC UK <[www.ahc.ac.uk/](http://www.ahc.ac.uk/)>  
A parte destacada é referente ao período de convergência (1999 a 2001) entre as duas Associações.

O que de fato aconteceu? Será que a hipótese de uma divisão dentro da Associação se confirma? Qual teria sido o motivo para uma mudança tão radical? Mesmo que não tenha havido uma divisão interna, qual o motivo para que a Associação



tenha mudado sua postura, frente ao seu papel de liderança, como havia descrito Oliveira (2005)? A Resposta a estas perguntas ainda são obscuras.

### Associação Brasileira de História e Computação (ABHC)

A Associação Brasileira de História e Computação (ABHC) foi fundada em 1991 durante a realização do I Encontro Internacional de História e Computação, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. A ABHC foi a primeira em toda a América Latina, sendo reconhecida internacionalmente, chegando a ser aceita como membro da Associação de História e Computação da Inglaterra (AHC) no mesmo ano de sua fundação. (OLIVEIRA, 2005, p. 25)

Entre 1991 e 1999, a ABHC organizou uma série de encontros internacionais e nacionais (ver listagem abaixo), criou também um Jornal Eletrônico – *Perspectivas* - e uma rede de discussão – *CLIOBIT* . Todo este movimento, tinha como objetivo discutir a inserção das novas tecnologias no contexto da História. (FIGUEIREDO, 1997; FERREIRA, 2004; OLIVEIRA, 2005).

Hoje, 20 anos depois de sua fundação, tudo leva a crer que a Associação Brasileira de História e Computação, não existe mais, e que tenha acabado no final da década de 1990 (ou seja, não durou uma década sequer), pois, muito pouco se sabe acerca desta Associação e de seus encontros, sendo difícil até mesmo estabelecer informação sólidas acerca de sua trajetória.

As buscas por vestígios desta Associação no Brasil até agora se mostraram pouco frutíferas. As maiores fontes até o momento são os trabalhos de três historiadores: do professor da UFF Luciano R. Figueiredo, “História e Informática: o uso do computador” (1997); do professor da UFBA, Jose Cláudio A. de Oliveira, “Ciberhistória” (2005); e da Tese de doutoramento do pesquisador Carlos Augusto L. Ferreira, “A formação e a prática dos professores de História: enfoque inovador, mudança de atitude e incorporação das novas tecnologias nas escolas públicas e privadas do estado da Bahia, Brasil” (2004).

Luciano Figueiredo (1997) faz referência a uma série de apresentações realizadas nos primeiros Encontros, principalmente a comunicação de abertura do 1º Encontro, realizada pelo professor Ernesto Ruiz, um dos fundadores da ABHC e dos

organizadores do evento, que chamou atenção para o fato de que “observando os programas das apresentações dos últimos Congressos Internacionais de H & C [ocorridos em 1991], a maioria das pesquisas tratavam de prosopografia”, fato confirmado pelo próprio Luciano Figueredo, ao citar a comunicação do professor Guilherme Pereira das Neves, como um exemplo de uma experiência bem-sucedida na aplicação da informática em estudo de prosopografia (trabalho este já citado no início desta apresentação).

Para Ferreira, uma das principais temáticas nestes primeiros encontros no Brasil, discutidas principalmente por autores estrangeiros convidados, era acerca dos “aspectos referentes a tendências dos softwares aplicados a pesquisa e ao ensino, base de dados aplicados em fichários bibliográficos”. Já nos últimos encontros de 1999, as temáticas estavam visivelmente ampliadas, por exemplo, aparecendo discussões acerca “da criação de CD-ROM para a pesquisa histórica e uso da multimídia”, evidenciando um avanço na pesquisa durante a década de 1990, através das reflexões e discussões acerca de um fazer histórico levando em consideração a contribuição destas novas tecnologias de informação e comunicação (FERREIRA, 2004, p. 64).

Outro fato, que indica elementos da trajetória histórica da associação, mesmo que tenha sido breve, foi que segundo alguns relatórios da Capes, em 1999 foi realizado pelo Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, o 9º Encontro de História e Informática, evento ligado a Sociedade Brasileira de História e Informática.

Listagem 2 - Relação das Conferências da Associação Brasileira de História e Computação e da Associação Brasileira de História e Informática (IBHI)

<b>Encontro</b>	<b>Ano</b>	<b>Local</b>
I Encontro da ABHC	1991	UFSC, SC
II Encontro da ABHC	1992	UEPG, PR
III Encontro da ABHC	1993	UCSAL, BH
IV Encontro da ABHC	1994	UNESP, SP
V Encontro da ABHC	1995	UESC, BA
VI Encontro da ABHC	1996	UFSC, SC
VII Encontro da ABHC	-	-
VIII Encontro da ABHC	-	-
IX Encontro da ABHI	1999	UFU, MG

Fonte: FERREIRA, 2004, p. 64.

Não foram encontradas nenhuma informação acerca do 7º e 8º Encontros.

Sendo assim, várias dúvidas aparecem. Quais os motivos que fundamentaram esta mudança de nomenclatura, tanto do nome do Encontro quanto da própria Associação de História e Computação, para Associação de História e Informática? Será que de fato trata-se do mesmo grupo? Será que foi uma escolha casual da organização do dito evento, ou realmente foi uma mudança conceitual, discutida e debatida entre os pares? Quais os motivos do possível fim desta Associação e dos Encontros da Associação brasileira? E finalmente, tendo em vista a filiação da Associação Brasileira com a Associação Inglesa. Seria coincidência ou não o possível fim da Associação Brasileira em um período relativamente próximo da possível divisão da Associação Inglesa? Estes fatos têm alguma coisa em comum?

Como se pode observar, esta apresentação resultou no aparecimento de mais indagações do que possíveis respostas, tal fato mostra a pertinência deste trabalho de pesquisa, assim como algumas linhas de pesquisas que se poderão seguir daqui para frente.

### **Considerações finais**

Esta apresentação buscou proporcionar algumas questões acerca da história e do papel de duas Associações Nacionais de História e Computação e observar seus desdobramentos atuais. Lembrando que esta discussão faz parte de uma discussão maior que busca justamente observar os usos das novas tecnologias digitais no fazer historiográfico contemporâneo, não apenas do ponto de vista prática-tecnológica, mas também observando características sociopolíticas e socioculturais destas novas tecnologias no universo do historiador.

De acordo com Oliveira (2005, p. 24) “em 1990 vinte cinco países tinham suas próprias organizações nacionais e Associações de Histórica e Computação”, conta acrescida do Brasil em 1991, e hoje este número diminuiu. Em função disto, este trabalho busca observar a ocorrência de dois movimentos distintos, dentro de um mesmo espaço de tempo: o primeiro da criação de uma série de Associações voltadas para a discussão de uma mesma temática, e o segundo, pouco mais de uma década depois, acerca de um possível confronto e divisão (visto no caso da Associação inglesa) e de um “abandono” na discussão (no caso da Associação brasileira) contribui na discussão acerca dos espaços de conflitos e de poder dentro da historiografia, assim

como refletir acerca das apropriações simbólicas das novas tecnologias no cotidiano do historiador.

Várias outras possibilidades de análises tiveram que ser deixadas de lado nesta apresentação, devido ao espaço de apresentação, mas que se mostraram importantes e que serão contempladas na pesquisa dissertativa, como por exemplo, observar as temáticas discutidas dentro de cada evento ao longo dos anos, identificando possíveis tendências e alteração, assim como observar se as discussões realizadas no Brasil estavam em sintonia com as discussões internacionais.

## **Bibliográfica**

Association for History and Computing (Reino Unido). Atualização. Disponível em : <<http://odur.let.rug.nl/ahc/confer/index.html>>. Acesso em: 20 de mar. de 2011.

Association for History and Computing UK (Reino Unido). Apresentação. Disponível em: <[www.ahc.ac.uk/](http://www.ahc.ac.uk/)>. Acesso em: 20 de mar. de 2011.

História a Debate. Congresso Internacional de História a Debate, IV, (Espanha). Apresentação. Disponível em: <<http://www.h-debate.com/>>. Acesso em: 20 de mar. de 2011.

FIGUEIREDO, Luciano. “História e Informática: o uso do computador. “ In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 419-441.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. “Ciência da Informação, economia e tecnologia de informação e comunicação: a informação nos entremeios”. In: MACIEL, Maria Lucia (Orgs). **Informação e desenvolvimento: conhecimento, inovação e apropriação social**. Brasília: IBICT, UNESCO. 2007, p. 149-184.

MARTTELART, Armando. **História da utopia planetária: da sociedade profética a sociedade global**. São Paulo: Editora Sulina, 2002.

NEVES, Guilherme Pereira das. “O sonho de Comenius: o uso de micro-computadores na pesquisa de História Social”. In: **História Hoje: balanços e perspectivas / Anais do IV Encontro Regional da ANPUH-RJ**. Rio de Janeiro: ANPUH RJ, 1990. p. 208-214.

OLIVEIRA, Jose Cláudio A. de. “Ciberhistória”. **Revista Eletrônica Diálogos Possíveis**. Ano 4, nº 2, agos. / dez. 2005. p. 24-30.

POSTER, Mark. “History in the Digital Domain”. **Historiein**. Vol. 4, 2003, p. 17-32.

SASSEN, Saskia. “A construção do objeto de estudo digitalizado”. In: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia (Orgs). **Informação e desenvolvimento: conhecimento, inovação e apropriação social**. Brasília: IBICT, UNESCO. 2007, p. 35-54.

WINOCUR, Rosalía. “A apropriação das tecnologias da informação e comunicação: mitos e realidades”. In: MACIEL, Maria Lucia (Orgs). **Informação e desenvolvimento: conhecimento, inovação e apropriação social**. Brasília: IBICT, UNESCO. 2007, p. 71-88.